

In Mel Perversa:  
Fica Louigo Esta Nite

## Fica Comigo Esta Noite

Roubaram-lhe o computador às três da madrugada, quando estava sentado numa paragem de autocarro a escrever. Mateus gostava de passear a pé, sentia a inspiração aproximar-se a cada passo. Depois sentava-se e escrevia, de forma caótica, as ideias e frases que lhe tinham ocorrido. Do outro lado da rua, a padaria da esquina ainda existia, com a mesma porta de vidro, agora com a moldura enferrujada. O cheiro do pão acabado de fazer, ao romper da manhã, era uma das boas memórias da sua infância. Sempre que olhava para aquela porta o cheiro voltava, como um vento alegre. As personagens encontraram-se naquela padaria, estava decidido. De repente Mateus tinha uma navalha apontada ao peito, dois tipos feiçanudos que diziam: "Passa para cá a máquina,

sem estrilho, ou ficas já aqui." Viu-se esfaqueado, morto em sangue no lixo da calçada, teve saudades do filme que agora já não ia a tempo de fazer. Costava tanto da Junqueira, sentia-se sempre seguro no silêncio nocturno daquela rua aparentemente infinita. Nunca se cansava de olhar para o reflexo da lua e dos candeeiros nos carris e nos fios dos eléctricos. Morara ali durante a primeira meia dúzia de anos da sua vida e decidira que o seu filme começaria naquela rua, antes do nascer do sol. Ainda tentou amaciá-los: "Oh meus, dou-vos a narta toda que tenho, deixem-me o portátil, preciso dele para trabalhar, e foi a velha que mo deu, vai ficar lixada comigo..." Nada. Um *Mac* última geração, uma bomba, super artilhado — a mãe e o pai tinham-se quotizado, havia poucos meses, para lhe oferecerem essa máquina que ele não podia pagar.

Não queriam que lhe faltasse nada — ainda por cima era um bom filho. O melhor amigo dos dois. Compreendia-os. Desde pequeno que lhe contavam tudo, para que ele soubesse que podia contar-lhes tudo. Tratavam todas e cada uma das namoradas dele como filhas. Depois esqueciam-se dos nomes delas ao ritmo a que ele próprio os esquecia. Tratava-se de uma família sincronizada no grau mais suave do esquecimento. Por isso ficavam tão bem nas fotografias das revistas especializadas em amores felizes: a mãe e o filho junto a uma árvore de Natal frugalmente decorada com bolas baças, vermelhas e prateadas; o pai e o filho, sorrindo, numa retrospectiva da Cinemateca; ou a mãe e o pai, sentados na esplanada do teatro D. Maria, explicando como tinham conseguido manter-se

amigos depois da separação. Serenamente. E preservando sempre a intimidade da casa, que nunca mostravam.

Maria Eduarda, a mãe de Mateus, era uma das maiores atrizes da sua geração, com uma versatilidade de gato. De resto, adorava gatos, colecionava-os, mesmo: pedia a cada amante que lhe deixasse um, ao partir, e baptizava-os com os nomes dos homens antigos da sua vida — "por uma questão de memória", dizia, "parece-me que a ausência de memória é a grande *questio* do nosso tempo". Costava de palavras em latim e ideias de vanguarda, a mãe de Mateus. E da Bíblia, que lia de forma heterodoxa. Educara o filho para a plasticidade e para a aceitação da diferença. Confiava-lhe tranquilamente os seus problemas sentimentais; quando decidiu separar-se de Vítor, o pai de Mateus, foi o filho o primeiro a saber dessa decisão, e combinou com ele a melhor forma de dar a notícia ao pai. Sempre *en souplasse*, como Maria Eduarda dizia. Também gostava muito de palavras em francês. Vítor bebia muito, e um dia Maria Eduarda cansou-se dos seus ataques de mau whisky. Nunca se tornara violento, isso não — soltava uns gritos a despropósito, e depois chorava desabaladamente. Maria Eduarda apreciava a sensibilidade nos homens, desde que não chegasse ao ponto do choro descontrolado: "Será uma falha de educação minha, decerto, mas a ideia de um homem está para mim ligada a solidez, protecção. Amo muito o teu pai, amá-lo-ei sempre, mas não consigo viver com ele." Mateus compreendeu tudo, perfeitamente. Como também compreendia que o pai se sentisse só ao lado de

uma mulher que vivia sobretudo no palco. Compreendia-os perfeitamente, sobretudo porque tinha a sorte de já não ser da geração deles: uma geração que se empolgara em grandes utopias, que resistira à ditadura e depois se vira confinada a um quotidiano sem glória. O primeiro livro do pai, *Sonhos Selvagens*, tivera um acolhimento estrondoso. Fora publicado no início dos anos setenta, e a crítica considerara-o “o Kerouac português”. Depois disso, Vítor Ramos Forte não voltara a publicar. Tornara-se comentador político e havia vinte anos que, segundo dizia, andava a escrever “uma espécie de *Maias* contemporâneo, que faz o balanço da nossa geração perdida”.

Mateus telefonou ao pai: “Vítor. Oh pá, desculpa acordar-te a esta hora. Não sei que faça. Camaram-me o Mac agora mesmo. E o dinheiro. Dois gajos, aqui na Junqueira. Podes vir buscar-me?” Vítor foi. Pelo caminho sentiu-se feliz. Costava de atravessar Lisboa de madrugada; os lagos amarelos de luz no deserto das Avenidas Novas, a melancolia suave dos letreiros apagados do Vá-Vá e do Quarteto, os solavancos do velho Bairro Alto, onde a noite parecia não ter fim. Pensou que aos 27 anos nunca se teria atrevido a acordar o pai a meio da noite, e a ideia de que o filho ainda chamava por ele quando se via aflito causava-lhe uma agradável sensação de triunfo pessoal.

Mateus voltava-lhe de novo a casa. Há dois anos tinha-se apaixonado por uma mulher mais velha, bi-divorciada e com dois filhos, e quase desaparecera. Estava nas nuvens, ria-se das dificuldades. Passava os dias a filmar congressos e conferências ministeriais para um canal de TV, mantendo

a força necessária para ir trabalhando no seu filme, até que o subsídio aparecesse. Quando acabou o estágio no canal entrou num limbo auspicioso: o dia todo entre vídeos e o écran do *Mac*, a trabalhar no projecto. Cada vez menos atento a Clara, e menos ainda aos dois petizes. Que não se via toda a vida atrás de uma câmara a filmar uns tipos de fato a apertar mãos, para ir ganhando a vida. Ainda se o enviassem para uma guerra qualquer — mas isso era só para as estrelas, ou então comprava-se feito ao estrangeiro.

Vítor achou que o filho estava a crescer. Gostava de se ver nele, mas em melhor. Se não tivesse casado tão cedo, talvez Vítor já tivesse escrito o romance que se esperava dele. A vida obrigara-o a desistir dos seus projectos para sustentar a família. A vida, e a revolução: na quente década de setenta, só um misantropo podia escapar ao apelo da cidadania — quem seria ele, se tivesse recusado o convite para subsecretário de Estado, que lhe permitia contribuir para a melhoria das condições de vida do seu povo? Mateus crescera em liberdade, estudara no estrangeiro, acabara por decidir que o que procurava não se achava em nenhuma escola. Era um miúdo que sabia o que queria. Vítor via em Clara uma ameaça de estagnação — primeiro a casa, depois viria o automóvel, mais crianças, o estatuto, um cão e um jardim. Nunca disse isso a Mateus, só à ex-mulher. Maria Eduarda, com o tal sentido de previsão das mulheres, explicara-lhe que Mateus acabaria por sair sozinho daquela prisão, desde que eles não fizessem ondas: “Sobretudo, não podemos dar-lhe

o bônus de um amor contrariado. Foi por causa disso que nós nos casámos a correr, lembra-te?” Não, não se lembrava. Lembrava-se apenas que o mundo parecia, naquela época, feito do toque da pele dela, da cor das gargalhadas dela, um lençol sedoso de paixão. Lembrava-se apenas de amar para lá de todos os limites, em alucinada felicidade. Lembrava-se sempre mais do que era conveniente, e calava-se.

Vítor encontrou o filho sentado na beira do passeio. “Levaste tempo, porra. Estava aqui a pensar — achas que conseguiram sacar-me dinheiro do cartão?” O cheiro do carro do pai acalmou-o, como sempre. Foram à Polícia apresentar queixa, passava das quatro e meia da manhã quando chegaram a casa. Vítor disse a Mateus que perdera o sono, e que lhe estava a apetecer uma conversa na varanda até ao nascer do sol. Mateus estava cansado, mas encolheu os ombros e aceitou o whisky que o pai lhe deu. Vítor tinha sido um grande apoio, na confusão dos últimos meses, desde que o sorriso de Clara se tornara cada vez mais previsível, e uma vaga decepção começara a tomar conta de todos os seus projectos. Agora já não tinha muito que conversar: deixara Clara e sentia que, a pouco e pouco, a criatividade pura em que precisava de viver estava a regressar.

“Está bem, Vítor, mais um copo. Que preciso mesmo de descanso. Amanhã vou ver os Oscars a casa duns gajos. Mas se queres desabafar, bora.” Vítor só queria companhia. Perguntou-lhe se o projecto do filme estava a andar bem, e se queria ir com ele a um colóquio no Porto, no fim de semana

seguinte. Não lhe apetecia ir sozinho, e ia ver a mãe de Maria Eduarda, entristecendo num lar de luxo, sempre com tantas saudades do neto, que nunca via. Mateus disse que não lhe calhava mesmo nada; tinha combinado com uns amigos uma ida até ao Alentejo.

“Qualquer dia morro, filho. E depois vamos os dois ter saudades da vida que não partilhámos.” Vítor já não tinha pais, e a solidão da ex-sogra parecia-lhe cada vez mais próxima. “Vítor! Que conversa. Todos vamos morrer, ninguém sabe quem vai primeiro. O que é que é isso, chantagens emocionais? Se eu vou lá, a avó começa a chorar e a queixar-se de que ninguém gosta dela. Deprimente, não estou nessa. Ouvelá, quase me esfaquearam há bocadinho.” Falaram do filme. Mateus desistira de escrever o argumento, e tudo o que escrevia por estes dias eram pedidos de subsídio. Repetia ao pai que a escrita, como arte autónoma, tinha os dias contados, por exaustão de sentido. O que interessava, agora, era reciclar e apropriar para a escrita todas as matérias que a excediam, a cor, a imagem, numa sobreposição de registos comunitantes. O filme que ele havia de fazer seria isso mesmo: uma colagem cubista de mundos, que pudesse interpelar, não o espectador, mas a pluralidade de perspectivas de todos os potenciais espectadores. Para isso era preciso resistir à linearidade e a todo um conjunto de dogmas seculares — história, enredo, acção, suspense, emoção — que haviam embaciado a capacidade de criação/recepção dos seres humanos. Vítor não tinha dúvida de que o filho era um génio. Por isso lhe

era tão fácil convencer amigos influentes a pagarem -lhe os projectos; acreditava no que dizia do filho — e a fé torna-se irresistível, sobretudo em épocas de pouca fé. Uma das coisas que lhe tinha dado mais prazer nos últimos anos tinha sido a angariação de fundos para a revista que o filho lançara, em conjunto com a filha de um poeta consagrado e com o filho de um capitão de Abril. *Abrupta* — a revista que rompe todos os paradigmas começara com o patrocínio de um Banco e de uma empresa de cosmética. Como as pressões comerciais se tivessem tornado excessivas para os objectivos da revista, Mateus dissera ao pai que tinha que conseguir um financiamento menos careta. Vítor procurara então outros amigos, e arranjara um subsídio do Estado. Tratava-se de uma publicação cultural de periodicidade deliberadamente irregular (como a vida) que apostava na multidisciplinaridade e na diferença. Divulgavam projectos interactivos, tudo o que curto - circuitasse a tradicional definição de cultura e de autoria, confiantes num génio geracional muito superior à mera soma dos talentos individuais.

Mateus não conseguia admirar o pai, e isso incomodava-o. Considerava-o fraco, um tipo do passado, incapaz de se mover mentalmente no novo universo da liberdade. Um linear, ainda: toda a vida apaixonado por uma só mulher e por meia-dúzia de ideias e fidelidades. Mas a forma como Vítor aderira ao que lhe dizia, num amor cego e tantas vezes gaguejante — como se Mateus fosse a última causa heróica do mundo — enternecia-o. Vítor não conseguia despegar-se

do passado. Dia a dia ele lhe aparecia mais refulgente, na última lágrima de cada garrafa.

“Gosto de te ter outra vez em casa, filho. Nunca me habituei à solidão. Mas também não consigo imaginar outra mulher no lugar da tua mãe.” Vítor invejava os amigos que se queixavam da dificuldade de empurrar os filhos para fora do ninho. Mateus suspirou: “Não sabes fechar portas. A Maria Eduarda é história. Arquivava. E não te preocupes tanto comigo.” Os óculos dourados do pai cintilavam com os reflexos da luz da rua. A barba parecia mais escura, como no tempo em que Mateus era pequeno.

Mateus disse que se ia deitar. Vítor pediu -lhe que ficasse só mais meia hora, até que o sol acabasse de nascer. “Tens medo do escuro?”, riu-se o filho. “Tenho. Se ficares comigo comigo -pro -te um computador novo igualzinho ao que te roubaram.” Mateus voltou a rir-se: “Estás com os copos. Dás -mo se quiseres, se não, eu cá me arranjo. Boa noite.” À luz da casa de banho, a estátua africana do corredor parecia sorrir misteriosamente. Mateus lembrou -se do jeito que a Clara tinha de manter a calma e de ficar calada, mas com um sorriso, uma tarde inteira. Gostou de ter ainda essa recordação: sem pormenores destes não se consegue filmar nada de bom. Vítor ficou à varanda enquanto o sol varria as últimas sombras da noite, entoando uma canção de embalar de que já não recordava as palavras. Era qualquer coisa sobre estretelas e arjos que enxotavam papões, qualquer coisa simples, repetitiva e agora impossível, presa apenas por uns farrapos de música.

## A Cabeleireira

*"Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra."*  
EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS, 5, 5

Faz bem em cortar o cabelo. Eu também gosto mais de cabelos curtos. Pelo corte do cabelo vê-se quem é a pessoa. Se tem imaginação, capacidade de melhoria. Um cabelo comprido não tem ciência nenhuma; se for bonito, é porque nasceu assim. É uma questão de sorte, e a sorte não diz muito da pessoa. Não lhe pertence. As mulheres têm medo de cortar o cabelo por causa dos homens. O meu pai deixou de me falar, a primeira vez que eu cortei o cabelo. Ficou um mês inteiro sem me dirigir a palavra, a dar-me desprezo. Nunca mais o deixei crescer. Às vezes ele perguntava: "Então, rapariga, esse teu cabelo nunca mais cresce?" Eu dizia que não, que devia ser doença. Aparava-o todas as semanas. Foi aí que decidi que queria ser cabeleireira. Ele dizia que era castigo divino,